

POESIA: A PÁTRIA POSSÍVEL

JOSÉ EDUARDO DEGRAZIA*

RESUMO

A literatura e a poesia sempre estiveram atentas às situações de conflito da sociedade. No momento atual, no qual vemos acirrare-se os problemas causados por guerras, xenofobia e preconceito, mais do que nunca a literatura deve ocupar o seu espaço tratando de assuntos humanísticos e pacifistas. Sem cair no panfletário e no dogmático, sempre cuidando do que deve ser arte; à poesia cabe um papel importante nos tempos difíceis em que vivemos: o de sustentar o humanismo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Poesia, Noções, Realidade atual.

Nos patriam fugimos
Virgílio (1982, p. 32)

Estamos vivendo momentos difíceis no mundo. As guerras por motivos religiosos, econômicos, políticos, estão pondo em cheque a tradição democrática que com altos e baixos vem desde a antiga Grécia. Vivemos um tempo em que a qualidade de vida nos países ocidentais atingiu o seu ápice, mas os continentes postos à margem do desenvolvimento estão mergulhados na pobreza e na guerra. Vivemos um tempo no qual a questão religiosa sobrepõe-se ao diálogo das nações, e traz de volta a crueldade dos autos inquisitoriais, das maquinações religiosas para o domínio do povo à custa das degolas, das bombas, e das vinganças étnicas. Vivemos um tempo em que as grandes potências usam seus arsenais não para dissuadir possíveis ataques, mas para intervir onde seus interesses se sintam prejudicados.

* Poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta, tradutor e oftalmologista. Tradutor de obras de poetas italianos e latino-americanos, entre os vários livros que publicou citam-se: *Lavra permanente*, *Cidade submersa*, *A porta do sol*, *Piano arcano* e *A urna guarani*.

Tal estado de coisas tem como consequência o êxodo de populações inteiras que saem de suas terras em busca de um futuro melhor, ou apenas na tentativa de sobreviver. Tempos difíceis vivemos, de radicalismos – o ódio entre pensamentos diferentes e ideologias queima as frágeis democracias dos países em desenvolvimento, sempre à beira dos golpes de Estado.

Agora nos perguntamos, onde está a poesia em tudo isso? Qual é o lugar da Poesia neste mundo que parece virar às costas para tudo o que não seja material, concreto-sensorial, ligado ao ganho imediato, à riqueza, ao poder e ao dinheiro?

No início do século XX o escritor brasileiro Afrânio Peixoto (1876-1947) (1940, p. 5, SILVA, 2014, p. 204) cunhou a célebre e combatida definição de que a “literatura é o sorriso da sociedade”. Entendida por muitos como o atrelamento da literatura ao superficial, ao fútil, ao leviano, parecia o autor em questão querer dizer que a poesia só floresce em momentos de calma da sociedade, de paz e de bem-estar social. Em tempos de dificuldades o intelectual se debruçaria sobre a prosa grave dos ensaios e dos estudos sobre a realidade. Toda a História da Literatura, no entanto, nos diz o contrário, desde Homero até a Bíblia: nos momentos de violência e de desigualdades sociais, cresce uma literatura de resistência ou de reflexão sobre o mundo que busca entendê-lo e/ou transformá-lo. Uma literatura visceralmente ligada às questões do homem e suas contingências, mas nem por isso menos poética ou artística.

Pois a literatura nunca pode se deixar dominar por qualquer ideologia sob pena de perder um dos seus maiores motivadores: a liberdade de pensamento. O escritor pode e deve ter conhecimentos e posições políticas e acreditar em modelos sociais e culturais, mas não pode usar esses dados como uma obra panfletária que se esvaneca na medida que as transformações econômicas e sociais evoluam ou melhoram. A melhor poesia nunca é apenas social ou política, mas, sempre, definitivamente: humanitária. Existe aqui um diferencial sutil que nem sempre é percebido. A grande poesia é aquela que se identifica com o sentimento das coisas e dos homens. Mergulha fundo nos sentimentos que mais revelam em nós a fragilidade de nossa

existência. A poesia pode ser uma versão, uma mentira, pura ficção, mas se ela não estiver ligada ao coração e à dignidade do humano ela será como fogos de artifício: luminosos de início, e escuridão por fim.

Nesse sentido me parece importante resgatar a noção plasmada pelo filósofo espanhol José Gaos (1900-1969), – exilado no México em 1938 e nacionalizado mexicano em 1941 –, de *Transterrado*. Podemos, brevemente, definir esse conceito como a continuação da vida e da cultura num outro país depois de ter sido por força desterrado. Na realidade de hoje, com a comunicação, com as viagens, com a internet, nos sentimos nacionais, ligados ao nosso país por nossas origens, mas também homens e mulheres do mundo. Vivenciamos a violência e o exílio de qualquer povo como também uma violência e um exílio que recai sobre cada um de nós. Como poetas, repercutimos esta realidade do outro como se nossa fosse, e a poesia torna-se a pátria comum: comungamos e passamos a realizar uma nova realidade onde encontramos a recuperação de nossa humanidade mais profunda. Somos todos *transterrados* na poesia. A poesia passa a ser uma pátria possível. Às vezes, a única.

Aqui voltamos ao poeta Virgílio (70 a.C – 19 a.C) que nas *Bucólicas* (1982, p. 33), canto I, mostra-se tocado pelas guerras, perdas das terras ancestrais, e exílios provocados pela situação vivida por Roma nos tempos de Otávio nos anos 40 a.C. Transcrevo na tradução do poeta brasileiro Péricles Eugênio Silva Ramos:

Ó Títilo, deitado à sombra de uma vasta faia,
aplicas-te à silvestre musa com uma frauta leve;
nós o solo da pátria fugimos; tu, na sombra vagaroso,
fazes a selva ecoar o nome de Amarílis bela.

Nesse poema vemos muito bem exemplificada, e em altíssima poesia lírica, a realidade dos pastores desalojados de sua terra, e condenados ao exílio, às terras distantes – para que os soldados e veteranos da guerra civil pudessem tomar conta das mais férteis. Se esta situação foi vivida historicamente por Virgílio, pode ser discutível, mas não é discutível a verdade e a beleza eternas do seu poema.

OS REFUGIADOS

José Eduardo Degrazia*

Coluna de refugiados caminha
sem saber quem o destino domina
ao longo de uma terra devastada.

Vêm de distantes terras destruídas,
vêm de ilusões que ficaram pra trás,
vêm do calor de terras mais antigas

para encontrar aqui o frio, limites,
a fronteira cada um leva no peito;
pisam o barro, não veem o defeito.

Os velhos deuses os abandonaram
nas cidades antigas bombardeadas,
sobrevivem à faca e à metralha.

Ficando nos campos de refugiados,
homens, mulheres, crianças, os fados,
são toda a humanidade abandonada.

Assim vai sendo feita a história deles,
um povo que abandona terra e pátria,
para encontrar no longe uma miragem.

Atravessam o mar em barcos podres,
e desovam os corpos nesta praia
onde os antigos navios aportaram.

Um tempo bárbaro lança na estrada
este povo inteiro sem esperança,
aqui se perde toda a semelhança

com o poema de Dante e de Virgílio,
aquele era um inferno para os mortos,
e este agora é o inferno para os vivos.

Uma criança é encontrada morta
na areia indiferente da Turquia,
a humanidade nela se esvazia.

Uma criança morta sem teoria,
abandonada pelos deuses sírios,
a criança morta, e nada mais é sério.

POETRY: THE POSSIBLE HOMELAND

ABSTRACT

Literature and poetry have always been attentive to situations of conflict in society. At the present moment, where we see the problems caused by wars, xenophobia and prejudice, more than ever, literature must occupy its space dealing with humanistic and pacifist issues. Without falling in to the pamphleteer and the dogmatic, always taking care that it must be art, poetry plays an important role in the difficult times in which we live: that of sustaining humanism.

KEYWORDS: Literature, Current reality.

POESÍA: LA PATRIA POSIBLE

RESUMEN

La literatura y la poesía siempre han estado atentos a los conflictos de la sociedad. En la actualidad, momento en el que vemos aguzar selos problemas causados por las guerras, la xenofobia y los prejuicios sociales, más que nunca la literatura debe ocupar su espacio tratando de cuestiones humanistas y pacifistas. Sin caer en lo panfletario y dogmático, cuidando siempre lo que es arte, la poesía tiene un papel importante en los tiempos difíciles que vivimos: el mantenimiento del humanismo.

PALABRAS-CLAVE: Literatura, Realidad actual.

REFERÊNCIAS

DEGRAZIA, J. Refugiados, exiliados, balseiros... Poemas de José Eduardo Degrazia (Brasil), Violeta Boncheva (Bulgaria) y Félix Anesio (Cuba). *Crear en Salamanca*, 31 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.crearensalamanca.com/refugiados-exiliados-balseiros-poemas-de-jose-eduardo-degrazia-brasil-violeta-boncheva-bulgaria-y-felix-anesio-cuba/>>.

PEIXOTO, A. Panorama da Literatura Brasileira. São Paulo: Ed. Nacional, 1940. p. 5.

SILVA, M. *O grande mundo: mundanismo e sociabilidade na literatura acadêmica brasileira durante o Pré-Modernismo*. *Revista História e Cultura*, Franca, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 204-216, 2014.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Editora UnB, 1982. p. 32-33.

Submetido em 21 de junho de 2016.

Aceito em 30 de setembro de 2016.

Publicado em 12 junho de 2017.
